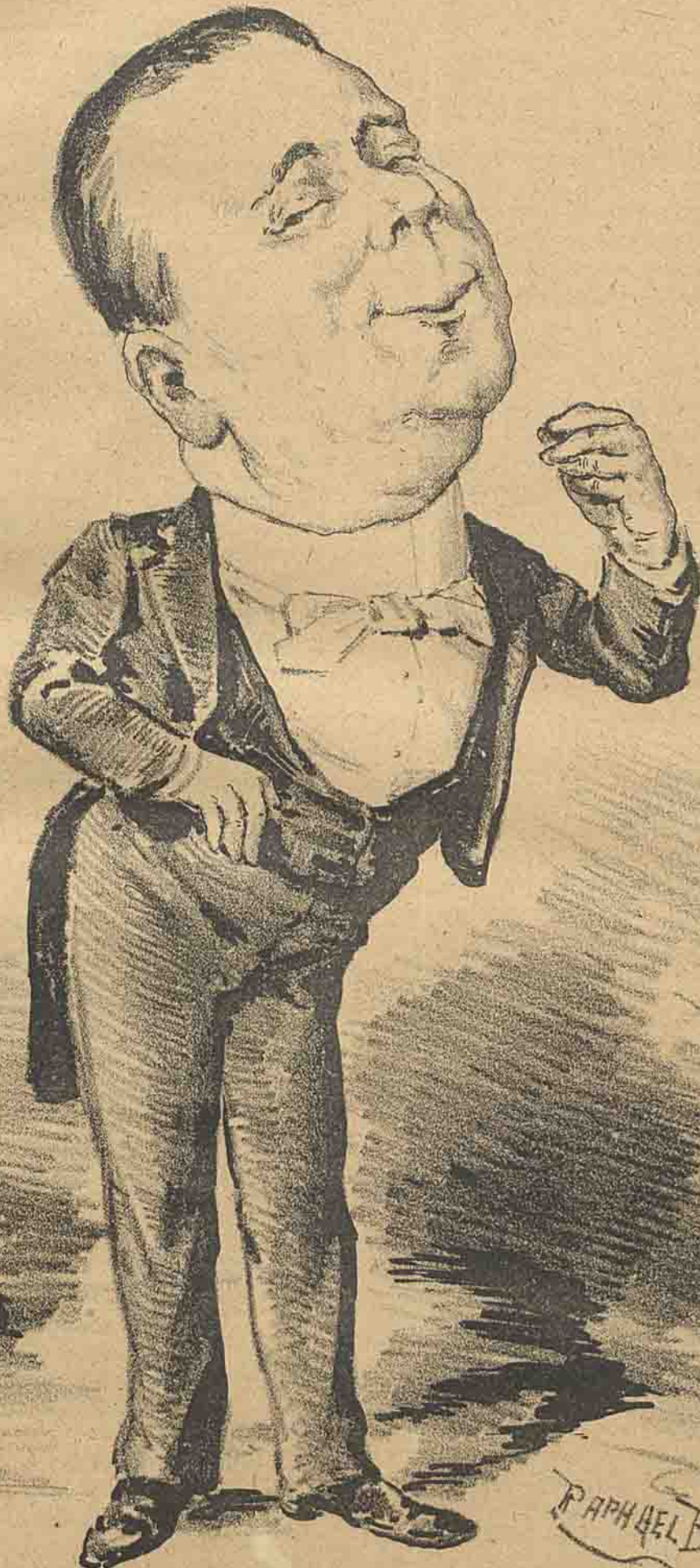


O EMINENTE ARTISTA COQUELIN



RAPHAEL BORDALLO

LIVROS NOVOS

A nossa modesta secretária está hoje repleta de paginas brilhantes.

Não a trocavamos pela vitrine, ou o que quer que seja, onde se exhibem n'este momento os brilhantes da corôa de França, postos em almoeada!

Simultaneamente, cómo se estivessemos combinados a entrar á mesma voz, como em grupo disciplinado de coristas, dois escriptores que fazem as suas primeiras armas e outros dois que as teem já feitas e refeitas, acabam de mimosear-nos com o grelo do seu trabalho, que é assim como quem diz *forget me not* da sua intelligencia.

José Antonio de Freitas mandou-nos a sua primorosa versão do *Hamlet* de Shakespeare o immortal Shakespeare—immortal, pelo menos, tantas vezes quantas se lhe tem escripto o nome.

Francisco Palha remetteu-nos o seu poema *A Estatua*, que constitue o primeiro volume das *Scenas Contemporaneas*.

Silva Gaio entregou-nos a sua collecção de poesias de nominada *Primeiras Rimas*.

Alberto Bramão enviou-nos o seu poemeto, que se intitula *Um Beijo*.

Da forma primorosa porque se acha feita a versão do *Hamlet*, do cuidado meticoloso com que José Antonio de Freitas respeitou n'essa versão toda a essencia do original tão original, nada diremos por surperfluo, visto que o publico, em grande parte, apreciou recentemente esse trabalho, como de ha muito, na sua totalidade, aprecia os merecimentos d'aquelle distincto homem de letras.

Assim, diremos apenas umas palavras curtas sobre o *estudo critico* que precede a magnifica producção, e no qual José Antonio de Freitas pretende demonstrar-nos que o seu *Hamlet*, isto é, que o *Hamlet* de Shakespeare padecia de hystericismo—se bem que tal enfermidade não constituise ainda n'aquelle tempo doença de tabella que occupasse a medicina e isentasse do serviço militar.

E, empenhado na sua faina, amontôa José Antonio de Freitas toda uma enorme Babel de considerações e reflexões e opiniões e conclusões, tão bem fundadas, tão bem pensadas, tão bem estudadas, e tão bem tiradas, que, ao acabar a leitura d'esse estudo interessantissimo, não resta no espirito do leitor a menor duvida de que *Hamlet* era effectivamente um sujeito tão hystericico como qualquer menina da rua dos Figueiros!

Nós, se tivessemos tempo e espaço para contrariar a opinião do nosso amigo e illustre escriptor, iamós provar-lhe já aqui que o tal *Hamlet* tanto podia ser um hystericico como um alcoolico...

Toda a original dade de character, que o distinguia,

vamos nós encontral-a—estabelecidas as devidas proporções e dados os razoaveis descontos—n'um rapaz muito conhecido da nossa sociedade, e ao qual, se bem nos lembramos, o proprio José Antonio de Freitas muitas vezes tem apertado a mão...

Apostamos em como já lhe pôz o dedo...

Então, diga-nos lá:

—É hystericico ou piteireiro?

Acredite que a doença de *Hamlet* não era uma nevrose: era simplesmente o abuso das meias doses de canna branca de Pernambuco nas tabernecas da Ribeira Nova do seu tempo...

Cria fama e deita-te a dormir, diz o ditado.

Ora quando nós começámos a attentar nas coisas d'este mundo já Francisco Palha tinha fama de poeta por ahí além; e d'ahi deduzimos, quando ultimamente o viamos caladinho como um rato, que o homem resolvera acatar o proloquio, tomando o rumo de valle de lençoes, com a lyra por travesseiro e a musa enroscada em baixo, a aquentar-lhe os pés, como cadellinha felpuda ou botija de grés attestada de agua da chaleira.

De que diapasão não foi portanto o nosso «ah!» estupefacto, quando ante-hontem nos cahiu do ceu, por intermedio do carteiro do 2.º districto, o poema *A Estatua*, guarda avançada das *Scenas Contemporaneas*!

—*A Estatua* de Francisco Palha! meditámos nós, soletrando a capa da brochura. Francisco Palha, o poeta da folia, o galhofeiro-mór d'estes reinos...

Esta *Estatua* é por força a da mulher de Loth, a estatua de sal, como uberrimas de *sal* são todas as poesias d'aquelle Francisco, todas as prosas d'aquelle Palha!

E repoltreamo-nos á vontade para saborear esse volume; e engatilhámos os dentes, promptos a arremelgar-se a cada verso prenhe de humorismo, a cada estrophe estoirada de pilheria brava; e avisámos a familia de que iamós rir a bandeiras despregadas; e prevenimos a vizinhança para que não accudisse imaginando algum ataque de nervos...

E começámos a lêr, e d'ahi por um nadinha as lagrimas cahiam-nos a quatro e quatro, quando Francisco Palha—o tal poeta dos versos prenhes de humorismo e das estrophes estoiradas de pilheria brava—nos dizia n'um profundo sentimentalismo, aggravado ainda pela naturalidade singelissima da phrase:

«Entre o meu coração e o cemiterio
ha justa afinidade.

Povoa a morte os dois—Viva saudade
fixou nos dois o seu plangente imperio.

Será talvez por isto
que os olhos se me vão n'um finadinho,
que a tempo se poz bem co'o seu bom Christo,
adormeceu tranquillo, e no caminho
da sempiterna paz entrou sorrindo.

Vão-se-me os olhos n'elle, e caso o vento

rumoreje nos ramos dos cyprestes,
já eu n'esse momento
supponho estou ouvindo,
uma unisona voz, coros celestes
baixinho a murmurar: —Oh! *sê bem vindo!*—»

O leitor que tiver por ahí em casa um bocadinho de gente a que chame filho ou neto —traquinas que lhe puxa as barbas, bregreiro que lhe cavalga os joelhos —diga-nos lá se o tal Francisco Palha não merecia bem que lhe fizessem dar tres voltas á roda d'uma forca, pelo calafrio que nos faz correr a espinha acima...

Mas, d'ahi a nada, os nossos dentes engatilhados desfecham a gargalhada retumbante, porque do meio do sentimentalismo profundo esfusia inesperadamente uma nota de bom humor, uma ironia graciosa, uma phrase de Democrito, e assim se mantem até o fim todo esse extraordinario volume de versos esplendidos, ora melancolicos como a rola nos pinheiros, ora joviaes como o pardal nos trigos, por forma que o tal volume, que nos faz sorrir, e rir á escancara, e fazer beicinho, e chorar grosso, é como que a synthese acabada dos dias que vão correndo, e em que ora esfria, ora aquece, ora faz sol, ora enegrece, o que nos leva a crêr que Jehovah e Francisco Palha — ambos elles da mesma idade — andaram de commum accordo, servindo-se do mesmo molde, para os dias da primavera e para os versos da *Estatua*.

Manoel da Silva Gaio, se estiver orgulhoso do seu trabalho *Primeiras Rimas*, não faz nenhum favor a si proprio.

Começar é sempre difficil, muito mais difficil começar bem, e difficilissimo então começar e começar bem, quando se tem a responsabilidade enorme de manter o prestigio d'um nome ja glorificado.

E está n'essas circumstancias o auctor das *Primeiras Rimas*, cujo pae foi, como o leitor certamente está lembrado, um vulto saliente da litteratura portugueza.

Felizmente para Manoel da Silva Gaio e para nós, o incontestavel merecimento do seu inicio litterario em nada offusca o brilho d'esse nome, que era para nós uma saudade e que hoje consideramos tambem como uma esperança.

Um Beijo, de Alberto Bramão é um poemeto de excellentes versos, delicados, melodosos, e amplos de gentilissimos pensamentos.

Agradecemos ao auctor o offerecimento do seu livro, e aproveitamos a occasião para protestar energicamente contra a fórma d'esse offerecimento.

No frontespicio do livro lê-se o seguinte:

«A. F... (o nome do auctor d'estas linhas).
Offerece

Alberto Bramão

UM BEIJO»

Agradecemos muito, mas não podemos aceitar.

Se em vez de um Bramão fosse uma *Bramão*, aceitaríamos com todo o gosto e até desejaríamos que nos offerecesse a edição completa do volume...

Mas assim não péga...

PAN-TARANTULA.

AINDA A SOBRECASACA DO NETTO

Nós bem dissemos ao Neto
Que se deixasse de andar
Buliçoso, irrequieto,
Co'a borjaca a dar a dar

Não nos quiz ouvir a falla,
Mais teimoso que dez Pyrrhos,
Tanto vento fez na sala
Que o Beirão deu trinta espirtos!

O presidente, coitado,
Tem soffrido o bom e o bello
Ao ver-se assim entalado
Entre bigorna e martello!

D'uma banda, a dar arrôtos
Passa o Neto qual tufão,
D'outra, a chuva, em perdigotos
Sac do nariz do Beirão!

Imagem que tormento,
Star allí, teso e direito,
Dirigindo o parlamento
Sob um temporal desfeito:

P'ra tal cargo (justiciro
Disse o Luiz d'Araujo),
Em logar d'um cavalheiro
Melhor calhava um marujo!

PAN-TARANTULA.

DAS CALDAS



Pin, pezado do corpo — em juizo leve —
P'ra cima da cadeira trepa a custo,
Affim de se ensaiar como hade em breve
Fallar ao sór infante D. Augusto.



Desde que a rhetorica nacional emprega o adjectivo omnipotente para fallar d'um cavallo, não sabemos de que adjectivos nos possamos servir para fallarmos d'um artista mediocre, quanto mais para nos referirmos a Coquelin—um artista para o qual não ha adjectivos bastantes em todas as linguas do mundo!

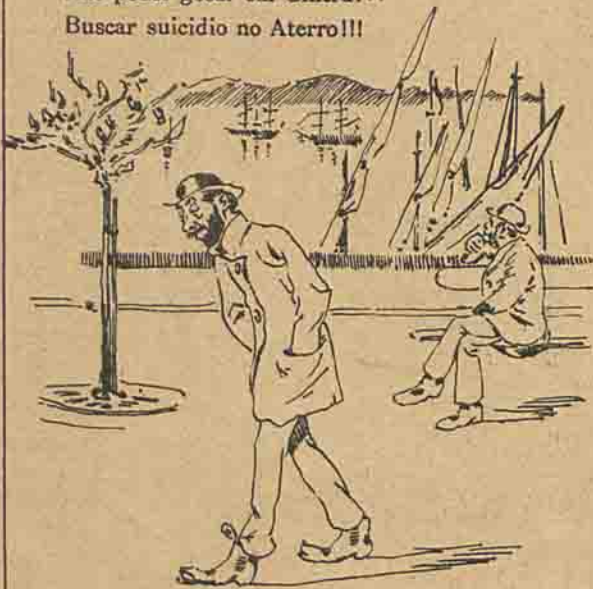
Assim, apenas sabemos dizer que Coquelin, o grande artista francez, é, como Coquelin, o primeiro francez e o primeiro artista, como artista não ha no mundo outro francez nem outro Coquelin; como francez pode gloriar-se a França de possuir o maior Coquelin e o maior artista!

RAFAEL BORILLO PINHEIRO

CASOS, TYPOS E COSTUMES

O SUICIDA

—Triste coisa é ser pelintra,
Supportar o fado pêrro;
Não poder gosar em Cintra...
Buscar suicidio no Aterro!!!



—Qual suicidio?! A vida é bella
Apezar d'uns tacs *senões*,
Se se arranja uma farpella
P'ra pagar... em prestações.



—E depois da fatiota
Como é doce e sabe bem
Ir comprar a bella bota
P'ra pagar... p'ra o mez que vem.



—E depois do fato rico
E da bota, em coiro brando,
Ir comprar tambem um quico
P'ra pagar... sabe Deus quando...



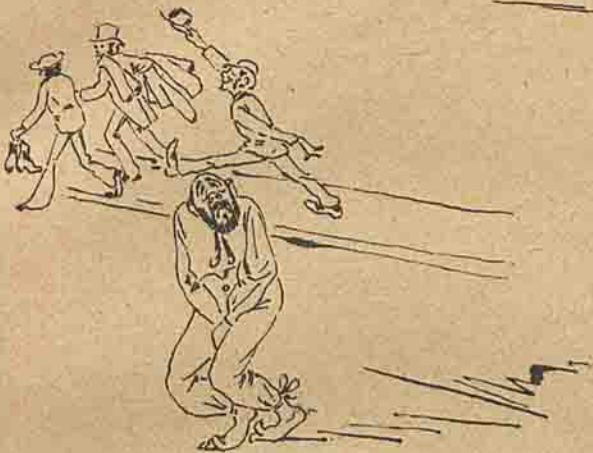
—E depois, não tendo a roupa,
Nem chapcu, nem botas pago,
Namorar de vento em pôpa,
P'ra casar... tendo *ella* bago...



—Mas depois, que atroz desgosto
Se o credor leva a farpella
E um sujeito é descomposto,
Mesmo ali, nas barbas d'*ella*...



—E *ella*, a nossa bem amada,
Mais vermelha que as papoilas,
Ir p'ra dentro envergonhada
De nos ter visto em cercoilas...



.....
Procopio assim reflectia
Quando rubra, ardendo em braza,
Lhe entra em casa a senhoria
Pedindo a renda da casa!...



No *bago* tendo o sentido,
O Procopio á velha horrenda
De paixão diz-se rendido,
Dá-lhe a mão em vez da renda...



Quando *ella* á noite dizia:
—Menino, vamos p'ra o quente...
Nota Procopio que a harpia
Nem p'ra amostra tem um dente!...



E, p'ra ser maior *canudo*,
Diz-lhe a nojenta alforreca
Que inscripções, predios e tudo
'stá sujeito a uma hypoteca!



—Não ha pois recurso algum
Contra o fado a pregar opios!...
O revolver faz pum! pum!...

.....
—Foi-se a nata dos Procopios!...
PAN-TARANTULA.



Augusto Bordallo Pinheiro

O CRIME DO ATERRO

MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES



Que estranho e precioso exemplar, para os que estudam o coração humano, não representa esta mulher singular e pertinazmente desnaturalada, que pretende aniquilar o filho logo á nascença, abandonando-o á solidão dos campos; e que, poucos mezes depois, reincide ainda no mesmo proposito, diligenciando arrancar-lhe a vida arremessando-o ao rio!

E que extraordinario fado não é tambem o d'esse pequenino ente, duas vezes arrancado á morte por acasos excepcionalissimos e a que ninguem daria credito se os não documentasse tão evidente o sello da realidade!

Mais uma coincidência na vida d'essa infeliz criança o dia em que ella veio ao mundo era o do ultimo anniversario natalicio de el-rei o sr. D. Luiz!

Que bella occasião para o sr. D. Luiz fazer alguma coisa de bom—de muito bom—intervindo pessoalmente no futuro d'esse pequenito, que logrou, mau grado seu, em pouco mais de cinco mezes, a celebridade que tantos não conseguem n'uma longa vida!